

# “ANALISEMO” E “DESCREVIMO”: UM CASO DE ALÇAMENTO VOCÁLICO DE CARÁTER MORFOFONOLÓGICO

## “ANALISEMO” E “DESCREVIMO”: A NON-PROTOTYPICAL CASE OF VOWEL RAISING OF MORPHONOLOGICAL NATURE

Ivelã Pereira (IFSC)

[ivela.pereira@ifsc.edu.br](mailto:ivela.pereira@ifsc.edu.br)

<http://orcid.org/0000-0001-7840-0678>

Ana Livia Agostinho (UFSC)

[a.agostinho@ufsc.br](mailto:a.agostinho@ufsc.br)

<https://orcid.org/0009-0003-7018-4458>

**RESUMO:** Esta pesquisa trata sobre o fenômeno linguístico da alternância vocálica de {amos} e {emos} que variam, respectivamente, para {emo} e {imo}, como em “cantemo” (cantamos) e “comimo” (comemos), fenômeno que tem sido nomeado como “alçamento” (levantamento ou elevação) vocálico(a) por alguns linguistas, como Castilho (1992, 2006), Bortoni-Ricardo (2005, 2011) e Foeger, Scherre e Yacovenco (2017). Defendemos, diferentemente disso, que não se trata de um alçamento vocálico apenas, de caráter puramente fonético-fonológico, mas sim de um fenômeno morfofonológico. A fim de sustentar nossa argumentação, levantamos os critérios básicos para a descrição de alçamento vocálico padrão e os confrontamos com as características do fenômeno da alternância vocálica precedente a {mos}, a partir de alguns pesquisadores da área. Os dados foram coletados em 168 entrevistas orais (de aproximadamente uma hora cada) que compõem o banco VARLINFE (NEES/UNICENTRO, campus Irati), relativo a sete cidades do sudeste do Paraná (Irati, Mallet, Prudentópolis, Rio Azul, Ivaí, Rebouças e Cruz Machado). Baseamo-nos nas pesquisas de Loregian-Penkal e Costa (2014, 2016), Costa e Loregian-Penkal (2015, 2016) e Loregian-Penkal, Costa e Franceschini (2019), pesquisas feitas em relação a esse mesmo banco de entrevistas, bem como em Menon (2015), para evidenciar que a ocorrência de alçamento vocálico prototípico (nas sílabas postônicas e pretônicas) é muito menor nas comunidades linguísticas do banco VARLINFE (por volta de 20%, a depender do município), em comparação a outras comunidades no Brasil, em que o alçamento é bastante comum.

**PALAVRAS-CHAVE:** alçamento vocálico; alternância vocálica; Morfofonologia; variação.

**ABSTRACT:** This research addresses the linguistic phenomenon of vowel alternation in {amos} and {emos}, which vary respectively to {emo} and {imo}, as in “cantemo” (we sing) and “comimo” (we eat). This phenomenon has been referred to as “vowel raising” by some

Organon, Porto Alegre, v. 39, n. 78, jul/dez. 2024.

DOI: 10.22456/2238-8915.142007

linguists, such as Castilho (1992, 2006), Bortoni-Ricardo (2005, 2011), and Foeger, Scherre, and Yacovenko (2017). We argue, however, that this is not a simple case of vowel raising, which is purely a phonetic-phonological phenomenon, but rather a morphophonological phenomenon. To support our argument, we outline the basic criteria for the description of standard vowel raising and compare them with the characteristics of vowel alternation preceding {mos}, based on some researchers in the area. The data were collected from 168 oral interviews (each approximately 1 hour long) that make up the VARLINFE database (NEES/UNICENTRO, Irati campus), related to seven cities in the southeastern region of Paraná (Irati, Mallet, Prudentópolis, Rio Azul, Ivaí, Rebouças, and Cruz Machado). We rely on the research of Loregian-Penkal and Costa (2014, 2016), Costa and Loregian-Penkal (2015, 2016), and Loregian-Penkal, Costa, and Franceschini (2019), conducted using the same interview database, as well as Menon (2015), to demonstrate that the occurrence of prototypical vowel raising (in post-tonic and pre-tonic syllables) is much lower in the linguistic communities of the VARLINFE database (around 20%, depending on the municipality), compared to other communities in Brazil where raising is quite common.

**KEYWORDS:** vowel raising; vowel alternation; Morphophonology; variation.

## 1 Introdução

O foco desta pesquisa<sup>1</sup> é trazer uma discussão e análise, com base em dados de fala de localidades rurais do sul do Brasil, a respeito do fenômeno linguístico da alternância vocálica de {amos} e {emos} que variam, respectivamente, para {emo} e {imo}, como em “cantemo” (*cantamos*) e “comimo” (*comemos*). Tal fenômeno tem sido nomeado como *alçamento* (*levantamento* ou *elevação*) *vocálico(a)* por alguns linguistas, como Castilho (1992, 2006), Bortoni-Ricardo (2005, 2011) e Foeger, Scherre e Yacovenko (2017).

Partindo-se da informação de que um “traço que parece marcar a variedade rural é a *elevação da vogal temática dos verbos*” (Foeger, Scherre e Yacovenko, 2017, p. 14, grifos nossos), pretendemos avaliar, conforme a literatura sobre o tema e também com base na análise de nossos dados, se este fenômeno poderia ser considerado um tipo de *alçamento vocálico*<sup>2</sup>, por ter cunho morfofonológico e por ocorrer na tônica, ou seja, num contexto não esperado para alçamento. Assim, neste texto, problematizaremos tal nomenclatura apresentando argumentos em prol da defesa de que o fenômeno em questão não se trate de um alçamento vocálico

---

<sup>1</sup> Parte desta pesquisa já foi publicada na tese de Doutorado de Pereira (2021).

<sup>2</sup> Vale ressaltar que os pesquisadores já citados utilizam o termo *elevação*, mas não empregam o vocábulo “alçamento” para se referirem à variação vocálica precedente à desinência modo-temporal {mos}.

prototípico, de caráter somente fonético-fonológico, mas que consista em um fenômeno morfofonológico devido à oposição distintiva de significado motivado por TMA (tempo-modo-aspecto).

Alguns questionamentos primordiais permeiam esta pesquisa. Na comunidade de fala investigada, os sujeitos não produzem alçamento vocálico em contextos pretônicos e postônicos (cf. Loregian-Penkall e Costa, 2014), em que este fenômeno costuma ocorrer no Brasil, então, por que isso aconteceria justamente na tônica? Por que haveria um alçamento em sílaba tônica, justamente numa posição de maior proeminência e, portanto, mais resistente a esse tipo de processo? Nossa resposta para isso vai na direção de que as formas não canônicas de 1ª e 2ª conjugação apareceriam na língua com vista ao rompimento do *sincretismo/neutralização* de formas as quais costumam gerar ambiguidade temporal aos falantes. Ou seja, o ‘contexto não esperado de alçamento’ se dá pela necessidade de desambiguar um contexto em que há a mesma forma verbal para situações diferentes de TMA.

Assim, nosso objetivo geral consiste em analisar e descrever o fenômeno da alternância vocálica precedente a {mos}, conforme o que se tem mencionado tradicionalmente na literatura a respeito de alçamento vocálico, a partir de alguns pesquisadores da área, contrapondo, em alguma medida, essas descrições com os dados e resultados obtidos em uma pesquisa variacionista (cf. Pereira, 2021) de caráter quantitativo-qualitativo. Assim, esta pesquisa se faz relevante por trazer dados e discussões em relação a um *alçamento vocálico* não prototípico (de acordo com o que se vem mostrando na literatura sobre o tema no Brasil e no mundo) que parece ainda não ter sido pesquisado e detalhado na área dos estudos de morfofonologia, não obstante pareça ser bastante produtivo em localidades rurais do Brasil.

Com essa finalidade, este artigo está estruturado nas seguintes seções: após a Introdução, tratamos brevemente sobre a descrição de alçamento vocálico em línguas variadas na seção 2, para depois fazer uma descrição do padrão de alçamento vocálico ocorrida no português brasileiro (doravante, PB). Na sequência, estabelece-se um mapeamento das características que compõem o que se pode chamar de “alçamento vocálico”. Após essa explanação, na seção 3, trazemos à vista o fenômeno da alternância vocálica, descrevendo a metodologia de pesquisa, seguida de seus respectivos dados e análise de acordo com TMA, tanto na primeira quanto na segunda conjugação, para, depois, retomar as características de alçamento vocálico prototípico já elencadas e contrapô-las às características mapeadas do fenômeno em foco. Por fim, fechamos o artigo com as considerações finais a que pudemos chegar até o momento e as referências nas quais nos baseamos.

## 2 Descrição geral de “alçamento vocálico”

A indagação medular que se coloca nesta seção é: no que consiste um “alçamento vocálico prototípico?”. Para fomentar essa discussão, trazemos alguns pesquisadores que se dedicaram à temática do *alçamento vocálico* no Brasil, como Câmara Júnior (1970), Bisol (1981, 2003, 2010), Wetzels (1991, 1994), Cristófar-Silva (2011, 2015), Monaretto (2013), entre outros. A fim de discutir tal questão, é preciso fazer um breve levantamento sobre o tema em línguas de diferentes partes do mundo, observando-se como o alçamento é descrito em outras línguas, para, depois disso, fazer um levantamento a respeito desse tópico no PB.

### 2.1 Alçamento vocálico em outras línguas

O alçamento vocálico é um processo fonético-fonológico que ocorre em várias línguas do mundo, sendo, muitas vezes, associado à harmonia vocálica. A harmonia, no entanto, pode ocorrer com alçamento ou abaixamento em uma série de línguas, como, por exemplo, a harmonia vocálica ATR (“Average True Range” – ou, no português, “Média de Amplitude de Variação”) em línguas africanas, em que a vogal alvo pode ser alçada ou abaixada, dependendo do gatilho (cf. Clements, Rialland, 2007). Nesses sistemas, todas as vogais não baixas da palavra fonológica concordam no traço [+ATR] ou menos [-ATR].

Na maioria dos casos, a vogal baixa não tem uma contraparte [+ATR] e se mantém neutra. Por exemplo, em nande, uma raiz com vogal [-ATR] pode receber um prefixo [-ATR] (1a), enquanto o mesmo prefixo é realizado como [+ATR] diante de uma raiz [+ATR] como em (1b) (cf. Clements, Rialland, 2007, p. 50-51).

- (1) a. [ɛɾɪ-yɪr-a] ‘ter’  
b. [ɛɾi-yɪr-a] ‘desgostar’

Processos semelhantes ocorrem em sotho, tswana e qhalaxarzi (cf. Gowlett, 2003). O sotho e o tswana apresentam um sistema de harmonia vocálica regressiva, em que /ɛ/ e /ɔ/ não podem ocorrer com nenhuma vogal mais alta imediatamente à sua direita na raiz da palavra. Nesses casos, elas são substituídas por médias-altas, como pode ser observado no exemplo de sotho a seguir (Gowlett, 2003, p. 612):

(2) a. bóf-à ‘amarrar’

b. bóf-úw-á ‘ser/estar amarrado’ (Gowlett, 2003, p. 612)

Além de harmonia ATR, as línguas do mundo também apresentam harmonia referente ao traço de altura, que pode alçar ou abaixar vogais dependendo do contexto e do sistema. A saber, em xhosa, variantes alçadas de /e, o/ ocorrem quando há uma vogal alta /i, u/ na sílaba seguinte (Maddieson, 2003, p. 16). Já em laal, há dois processos diferentes de harmonia vocálica, em direções opostas: um que resulta em uma vogal alçada, em que o gatilho é uma vogal alta na base, e um que resulta em uma vogal abaixada, em que a vogal é realizada como baixa quando seguida de uma vogal não alta, que funciona como gatilho (Lionnet, Hyman, 2018). Podemos ver exemplos desses dois tipos de harmonia em (3a) e (3b):

(3) a. mín ‘perguntar’ + -ér → mín-ír ‘me perguntar’

b. cōr ‘procurar’ + -ár → càr-ár ‘procurá-lo’ (Lionnet, Hyman, 2018, p. 51)

Já o qhalaxarzi apresenta harmonia de altura vocálica regressiva, em que vogais não altas, exceto /a/, são elevadas em um grau quando seguidas por /i/ ou /u/ (Gowlett, 2003 p. 613). Esse processo ocorre também em vogais médias-baixas, que são então realizadas como médias-altas. Nos exemplos a seguir, temos /é/ (4a) sendo realizado como uma vogal média-alta diante de uma vogal alta (4b) e /ò/ (4c) sendo realizado como uma vogal alta (4d) (Gowlett, 2003, p. 613):

(4) a. réq-á ‘comprar’

b. bà réq-í ‘compradores’

c. xò=óq-á ‘costurar’

d. xù=phúp-á ‘apunhalar’ (Gowlett, 2003, p. 613, modificado)

Há também casos de processos morfofonológicos relacionados ao alçamento vocálico nas línguas do mundo. Um exemplo disso é o basaá, em que as vogais /e, o/ alçam para [i, u], /ε, a/ alçam para [e] e /ɔ/ alça para [o] quando há a inserção dos sufixos causativo e aplicativo (Hyman, 2003, p. 261). Nos exemplos a seguir, a vogal de um verbo CVV com tom alto é encurtada e alçada quando o sufixo passivo {-a} é adicionado (Hyman, 2003, p. 261):

(5) a. *sáá* /sáC/ ‘espalhar’

b. *sêâ* /séCa/ ‘espalhar’ (passivo) (Hyman, 2003, p. 261)

Já o espanhol mexicano, assim como no PB, apresenta alçamento de /e/ e /o/ para [i, u] em posição átona<sup>3</sup> (Barajas, 2018, p. 242), como pode ser observado nos exemplos a seguir:

(6) a. *dulce* dúlc[i] ‘doce’

b. *puente* puént[i] ‘ponte’

c. *puño* púñ[u] ‘punho’ (Barajas, 2018, p. 242)

Outros exemplos de línguas que apresentam alçamento vocálico são: finlandês, votic, tagalog e turco (Baković, 2003; Odden, 2005), os quais, embora dignos de menção, não serão detalhados minuciosamente nesta pesquisa. Já traçado um breve detalhamento do alçamento vocálico em outras línguas, passemos para a descrição do fenômeno do alçamento vocálico prototípico no PB.

## 2.2 Alçamento vocálico prototípico no PB

De modo geral, os estudos sobre *alçamento* no PB estão voltados aos contextos silábicos pretônicos e postônicos. De acordo com Cristófar-Silva (2015, p. 49), por exemplo, o *alçamento vocálico* seria “um fenômeno fonológico que envolve a elevação da propriedade de altura da língua das vogais médias-altas [e] e [o] que se realizarão como as vogais altas [i] e [u].” Ou seja, conforme aponta a autora, trata-se de um fenômeno no Brasil que estaria restrito às vogais médias-altas.

Além disso, segundo a pesquisadora, “o alçamento, em português ocorre em posição postônica como, por exemplo, em *bolo* [ˈbɔlɔ], *neve* [ˈnɛvɪ], em que a vogal átona final é foneticamente manifestada como uma vogal alta” (Cristófar-Silva, 2015, p. 49), e este tipo de alçamento seria “sistemático”, por estar presente em muitas variedades do português brasileiro.

Porém, o contexto postônico não é o único citado por Cristófar-Silva (2015) como a posição em que pode ocorrer o alçamento. O contexto pretônico ocorreria em vocábulos como:

---

<sup>3</sup> Esse tipo de alçamento em átonas finais que é comum em PB e é tratado na próxima seção.

bonito [bu' nito] e perigo [pi' rigo], em que ocorre uma vogal alta em posição pretônica. Alguns estudos do português brasileiro indicam que o alçamento de vogais médias pretônicas é regulado socialmente, por parâmetros sociolinguísticos, combinados com princípios de harmonia vocálica. Por exemplo, o alçamento de uma vogal pretônica seria mais provável quando a vogal tônica for uma vogal alta: coruja ou menina. (Cristófar-Silva, 2015, p, 49).

Desse modo, a definição de alçamento delimitada por Cristófar-Silva (2015) trata sobre o fenômeno tão-somente nas pretônicas e postônicas, não sendo aventada a possibilidade de alçamento na sílaba tônica, pelo menos em relação ao PB. Com base nisso, pode-se pensar em um primeiro ponto: geralmente o alçamento vocálico acontece com vogais médias-altas que alçam para altas, como em [e] que alça para [ɪ] ou [i] – postônico e pretônico, respectivamente, como em “fale” [ˈfalɪ] e “menino” [miˈninu] –, assim como [o] costuma alçar para [u] ou [ʊ] – também postônico e pretônico, respectivamente, a exemplo de “coruja” [kuˈruʒɐ] e “calo” [ˈkalu].

Por outro lado, Cristófar-Silva (2015) apresenta uma faceta do alçamento vocálico que se volta para um “condicionamento lexical”:

[...] estudos apontam para o condicionamento lexical do alçamento. Ou seja, o alçamento ocorrerá em itens léxicos específicos. Assim, palavras como p[or]ção (sentido gastronômico) e p[u]ção (sentido de agrupamento coletivo) desenvolveram comportamentos diferentes em relação ao alçamento. O fenômeno de alçamento das vogais médias pretônicas apresenta grande variação dialetal no português brasileiro. (Cristófar-Silva, 2015, p. 49).

Os exemplos listados pela autora mostram uma tendência diferenciadora de sentido entre os vocábulos citados, que, na norma padrão, são “neutralizados”, de tal sorte que p[o]rção teria um sentido, e a produção de p[u]rção teria outro, num provável processo de distribuição complementar, com vistas a uma distinção de significado. Esbarra-se, contudo, em uma questão: essa diferenciação de significado está acontecendo na sílaba pretônica, quanto à oposição distintiva, e o caso da alternância vocálica investigada neste artigo ocorre em sílaba tônica.

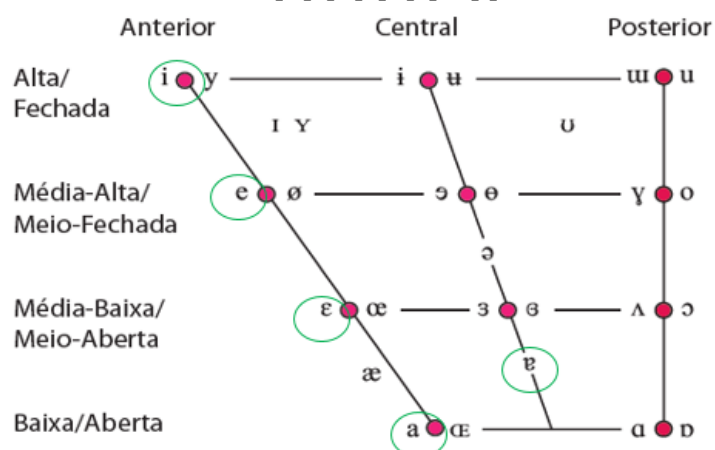
De modo similar, mas trazendo uma definição de caráter mais articulatório, Monaretto (2013) explana que o *alçamento* pode ser chamado também *alteamento* ou *elevação*, referindo-se à projeção da língua em direção à parte superior, ou mais alta, da cavidade bucal, ao realizar-se uma vogal” (Monaretto, 2013, p. 18-19), como os exemplos das vogais média-alta /e, o/ que se projetam respectivamente para [i, u].

Assim, o fenômeno do alçamento vocálico no PB tem sido descrito apenas nos casos de /e/ e /o/, o que leva este estudo para a indagação a seguir: o *alçamento vocálico* pode ocorrer a

partir de qualquer ponto do trapézio vocálico, rumando para outro ponto (desde que esteja acima do ponto-base)? Tecnicamente, o alçamento poderia ocorrer em qualquer contexto de subida de vogais, independentemente da classificação dessa vogal, desde que houvesse uma subida de fonema no trapézio vocálico, embora, como os pesquisadores já mencionaram como exemplo, é mais comum no caso das vogais médias-altas.

Para se estabelecer melhor essa discussão, faz-se necessária uma descrição um pouco mais detalhada (englobando vogais que contemplam também outras línguas) das vogais quanto às posições da altura da língua, com destaque para as vogais que mais interessam nesta pesquisa: [ẽ], [a], [e], [ɛ] e [i].

Figura 1 – Trapézio que esquematiza as posições verticais e horizontais do corpo da língua na produção das diferentes vogais cardeais (adaptação do AFI) – com foco nas vogais [ẽ], [a], [e], [ɛ] e [i]



Fonte: Adaptação de Seara, Nunes e Volcão (2011, p. 35)

Observando-se a linha vertical da representação, que considera a altura da língua, que consiste no critério para que haja uma elevação vocálica, verifica-se que as vogais ao lado dos círculos vermelhos são as tônicas, e, no caso do alçamento vocálico tradicional, o [e] alçaria para um [ɪ], e o [o] para um [ʊ], vogais que não pertencem ao rol das vogais tônicas e que estariam no entremeio entre as vogais *média-altas* e *altas*. Ou seja, seriam vogais *médias-altas* ([e] e [o]) que passam a ser produzidas por segmentos que estão entre a classificação de *médias-altas* e *altas*.

No que se refere ao objeto linguístico em análise neste artigo, na segunda conjugação, a subida de /e/ – que pode ser produzido como [i] – estaria mais perto de um alçamento vocálico padrão que costuma ocorrer no PB. Assim, o caso de *comemo(s) ~ comimo(s)*, em 2ª conjugação,

poderia ser mais facilmente classificado como um caso de alçamento em similaridade ao que acontece com as pretônicas e postônicas no português brasileiro.

Já no caso da 1ª conjugação, haveria um alçamento de /a/ – geralmente produzido como [ẽ] ou [a] – para [ɛ] ou [e], como em “analisamos” e “analisemo”. O /a/ que alça para [e] representa uma subida de dois “degraus” no trapézio vocálico, de maneira que uma vogal entre a classificação de *baixa* e *média-baixa* passa a ser produzida como *média-alta*. Assim sendo, se esse fenômeno for classificado pelos fonólogos como um tipo de alçamento, terá de ser descrito como um alçamento não prototípico no PB por conta de suas diferenciações.

Esse processo em verbos da segunda conjugação, porém, trata-se de um caso de levantamento vocálico na tônica, em diversificação aos demais casos de alçamento descritos<sup>4</sup> pelos pesquisadores que se debruçaram sobre o tema. Ou seja, mesmo neste caso de suposto alçamento de [e] para [i], haveria um tipo de *alçamento vocálico* que destoa dos moldes tradicionais. De maneira geral, variação vocálica em sílaba tônica é incomum em PB.

Em contrapartida, não há estudos sobre o PB que tratem de um alçamento vocálico de uma vogal baixa para uma média-alta (ou média-baixa, se considerarmos que alguns informantes possam produzir [fa'lemʊ] no lugar de [fa'lemʊ]). Por conta disso, seria possível classificar a alteração de /a/ [a, ɐ] para [e] – ou [ɛ] –, bem como de /e/ [e, ɛ] para [i] como um caso de alçamento vocálico em PB?

Antes de se responder a esta pergunta, é necessário tomar por base, conforme as descrições já levantadas, os seguintes critérios norteadores para a constituição de um “alçamento vocálico prototípico”:

- (i) As pesquisas sobre alçamento vocálico no Brasil costumam tratar apenas de alçamentos que ocorrem entre vogais médias-altas e altas, as quais estão mais “próximas” no trapézio vocálico, como /e/ que alça para [i, ɪ] e /o/ que alça para [u, ʊ];
- (ii) as descrições de alçamento vocálico prototípico dizem respeito às sílabas pretônicas e postônicas;

---

<sup>4</sup> Alguns autores assumem que o PB apresenta uma regra fonológica em que vogais médias são realizadas como médias-baixas em verbos, que é sobreposta por uma regra de harmonia vocálica produtiva sincronicamente em que as características de abertura da vogal temática são transferidas para a vogal média precedente nas formas em que a vogal temática é apagada (Schwindt e Wetzels, 2016, p. 199-200). Ademais, Schwindt (2007) propõe uma análise a partir da *Teoria da Otimidade* para dar conta da alternância vocálica entre verbos da segunda e terceira conjugações.

- (iii) o alçamento vocálico prototípico resulta em alofonia, que pode ter ou não motivação aparente, mas não consiste em oposição distintiva de significado, o que faz com que o processo em questão seja morfofonológico, não se tratando, portanto, de variação fonética.

Essas três características levantadas em relação ao alçamento vocálico prototípico no PB são retomadas ao fim da próxima seção, após a descrição dos resultados no tangente à alternância vocálica verbal precedente a {mos}.

### **3 O fenômeno linguístico da alternância vocálica precedente a {mos}**

Ao se debater sobre a variação entre *falamo(s) ~ falemo(s)* e *comemo(s) ~ comimo(s)*, encontram-se algumas dificuldades para a classificação desse fenômeno linguístico, principalmente pela possibilidade de que essa alternância vocálica poderia ser um tipo de especialização temporal, isto é, utilizando-se a vogal não padrão para demarcar o *pretérito perfeito do indicativo*. Entretanto, constatando-se a existência de variação entre as formas para ambos os contextos temporais (não se efetivando, portanto, uma especialização temporal), surge outro problema em relação a como nomear esse fenômeno, que é, ainda, pouco descrito pelos linguistas brasileiros.

Em suma, os pesquisadores que citam o processo de levantamento vocálico em tônica o classificam como: uma *característica gramatical morfológica* (Castilho, 1992); *mudança da tônica* (Amaral, 1920); *mudança da VT* (Bortoni-Ricardo, 2011; Zilles, Maya e Silva, 2000); *troca da VT* (Foeger, 2014, Zilles e Batista, 2006); *oposição da vogal* (Gonçalves e Basso, 2010, p. 136); *alternância da vogal temática* (Zilles, Maya e Silva, 2000; Zilles e Batista, 2006); *alternância vocálica* (Queriquelli, 2016); *substituição da VT* (Zilles, Maya e Silva, 2000); *elevação da vogal temática* (Castilho, 1992; Foeger, 2014; Foeger, Scherre, Yacovenco, 2017).

Com base nessas descrições, queremos problematizar a caracterização deste fenômeno linguístico como *alçamento vocálico* ou *elevação vocálica*, ao menos nos seus moldes prototípicos, tomando como base uma variável de extrema importância para um estudo deste fenômeno: o fator TMA (tempo-modo-aspecto). Ou seja, mapear de que modo se dá o condicionamento do fator TMA em relação ao uso de variantes canônicas e não canônicas no que diz respeito ao fenômeno linguístico da alternância vocálica precedente a {mos} se faz essencial. Nesse sentido, os apontamentos de Amaral, (1920), Castilho (1992), Bortoni-Ricardo,

(2011), Foeger (2014), Pereira (2014), Pereira (2016) e Foeger, Scherre, Yacovenko (2017) revelaram que haveria uma tendência para as variantes não canônicas – no caso, [e] em 1ª conjugação e [i] em 2ª conjugação – estarem mais correlacionadas ao contexto de passado, embora não tenhamos descartado que, possivelmente, ainda haveria variação em ambos os contextos temporais analisados. Assim, o uso de /e/ em 1ª conjugação seria privilegiado pelo TMA de *pretérito perfeito do indicativo*.

### 3.1 Metodologia de pesquisa

Trata-se de uma pesquisa de caráter quantitativo-qualitativo (cf, Labov, 2008 [1972], 1982, 1994; Weinreich, Labov, Herzog, 2006 [1968]; Guy, 1981, 2000), tomando-se como base os dados de realizações vocálicas diante de {mos} em 168 entrevistas orais (de aproximadamente 1 hora cada) componentes do banco VARLINFE (Variação Linguística na Fala Eslava), que pertence ao NEES (Núcleo de Estudos Eslavos), da UNICENTRO, campus Irati. Tal banco é composto por sete cidades do sudeste do Paraná: Irati, Mallet, Prudentópolis, Rio Azul, Ivaí, Rebouças e Cruz Machado, que resultaram em 24 entrevistas sociolinguísticas orais para cada cidade.

Todas as entrevistas do banco-base VARLINFE foram consideradas na pesquisa, sendo que foram eleitas as seguintes variáveis para a análise quantitativa, tanto para a 1ª quanto para a 2ª conjugação de verbos regulares:

(a) Extralinguísticas: *diatopia* (7 cidades já mencionadas); *sexo* (feminino e masculino), *escolaridade* (ensino fundamental I, fundamental II e médio); *faixa etária* (abaixo de 50 anos e acima); *etnia* (descendência polonesa, ucraniana, híbrida eslava e mista com etnias não eslavas); *ocupação* (lavrador, dona de casa, professor e outras com mais escolaridade e menos escolaridade); nível de bilinguagem (4 níveis); *grau de etnicidade* (3 níveis); *mobilidade* (pouca, média e muita); e *localismo* (bem integrados, mais ou menos integrados e bem integrados).

(b) Linguísticas: *produção fonética da vogal* ([ɛ̃], [a], [e], [ɛ] e [i]); *grau de ruralidade* (baixo, médio e alto); *realização do sufixo de PN* (padrão e não-padrão); *TMA* (*presente do indicativo*, *pretérito perfeito do indicativo*, *presente do subjuntivo*, e *futuro do presente do indicativo*) e *item lexical* (livre).

Após a coleta, os dados foram submetidos ao pacote estatístico GOLDVARB X (Robinson; Lawrence; Tagliamonte, 2001), a fim de serem gerados os dados numéricos, porcentagens e pesos relativos para a análise estatística. Ademais,

[m]ediante a correlação das variáveis dependentes às independentes, são feitas rodadas estatísticas para cada uma das duas variáveis dependentes explicitadas – variável dependente binária 1 [de 1ª conjugação] e variável dependente binária 2 [de 2ª conjugação], fazendo-se, portanto, no mínimo, duas rodadas estatísticas. Para a variável dependente binária de 1ª conjugação, foram feitas duas rodadas estatísticas: uma considerando a ‘produção fonética da vogal’ e outra desconsiderando-a, para gerar pesos relativos e cruzamentos. Para a variável dependente binária de 2ª conjugação, foi feita apenas uma rodada estatística sem considerar a ‘produção fonética da vogal’, para gerar pesos relativos e cruzamentos, uma vez que houve só um dado de produção de variante eslava. (Pereira, 2021, p. 329)<sup>5</sup>.

De acordo com a estratificação do banco-base do VARLINFE, os dados que aparecerem neste artigo apresentam a seguinte ordem de caracterização: município, gênero (feminino e masculino), grau de escolaridade (fundamental I, fundamental II e ensino médio) e faixa etária (mais jovem e mais velho). Os municípios das entrevistas são todos da mesorregião sudeste do Paraná, a saber: Irati (IRA), Prudentópolis (PRU), Ivaí (IVA), Cruz Machado (CRU), Rebouças (REB), Rio Azul (RIO) e Mallet (MAL). Na próxima seção, são explicitados os dados de 1ª e 2ª conjugações.

Foram obtidos 1831 dados no total, sendo 1631 de 1ª conjugação e 227 dados de 2ª conjugação. Não obstante todas as variáveis elencadas, neste artigo, detemo-nos apenas na variável TMA, haja vista ter sido selecionada pelo programa estatístico nas duas conjugações, devido a sua significância, e também por ser a que nos interessa para a argumentação de que o tipo de alçamento vocálico encontrado em nossos dados é de caráter morfofonológico motivado por tempo, modo e aspecto.

### 3.2 Resultados de 1ª e 2ª conjugações

A partir da análise em 1ª conjugação, nossos resultados não apenas atestaram nossa hipótese inicial de que a variante não canônica apareceria mais no contexto de *pretérito perfeito do indicativo*, como revelaram um uso altamente expressivo de [e] para passado, assim como uma utilização quase categórica de [a] para presente do indicativo, como se pode visualizar no gráfico a seguir:

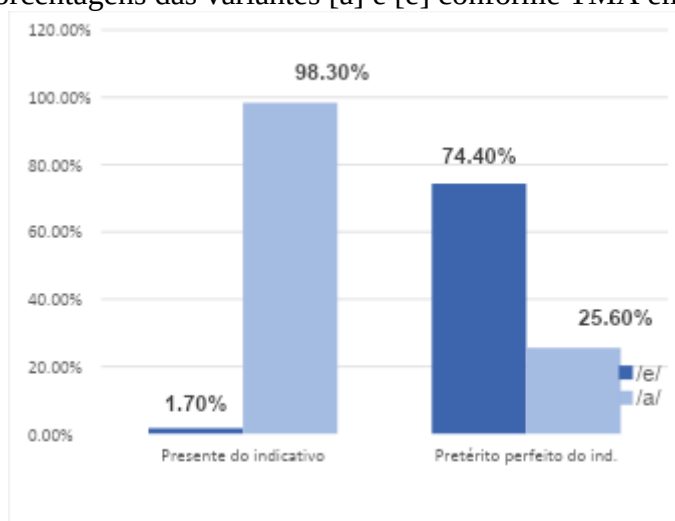
---

<sup>5</sup> Maiores detalhamentos sobre a metodologia, como o perfil dos informantes, construção das variáveis dependentes e levantamento das independentes podem ser vistos em Pereira (2021).

*Organon*, Porto Alegre, v. 39, n. 78, jul/dez. 2024.

DOI: 10.22456/2238-8915.142007

Gráfico 1 – Porcentagens das variantes [a] e [e] conforme TMA em 1ª conjugação



Fonte: própria autoria (2020)

Os valores significativos de /e/ para *pretérito perfeito do indicativo* – 74,4% – e de /a/ para *presente do indicativo* – 98,3% – mostram que o uso de /e/ parece aportar na variedade linguística da comunidade linguística aqui investigadas como uma forma de marcação do contexto de passado, enquanto a variante canônica [a] aparenta estar bastante estabelecida para a marcação de presente, havendo uma porcentagem de menos de 2% de uso de [e] para este contexto de TMA.

Aprofundando melhor esses dados, a tabela 3 traz informações mais detalhadas sobre o número de ocorrências e também os pesos relativos, que tiveram como base a variante /e/ para a sua geração<sup>6</sup>:

Tabela 1 – Efeito da variável TMA sobre a aplicação do fenômeno morfofonológico da alternância vocálica de /a/ para [e]

| VARIÁVEL                                                          | Categorias              | Apl./tot. | %     | PR    |
|-------------------------------------------------------------------|-------------------------|-----------|-------|-------|
| TMA                                                               | Presente do indicativo  | 11/663    | 1.7%  | 0.026 |
|                                                                   | Pretérito perfeito ind. | 720/968   | 74.4% | 0.922 |
|                                                                   | TOTAL                   | 731/1631  | 44,8% |       |
| Input: 0.250<br>Log likelihood = -446.771<br>Significance = 0.011 |                         |           |       |       |

Fonte: própria autoria (2020)

<sup>6</sup> Em todas as variáveis desta pesquisa, a variante não canônica – /a/ em 1ª conjugação e /e/ em 2ª conjugação – foi usada como parâmetro para se pensar na regra variável.

O peso relativo de 0.922 em *pretérito perfeito do indicativo* revela a altíssima significância no condicionamento de uso da variante não canônica [e] em relação a essa categoria, em oposição a apenas 0.026 em relação ao presente do indicativo. Trata-se, portanto, de números significativos que podem impelir a questionar se, de fato, é possível falar de variação entre as vogais nos dois contextos de TMA, quando a tendência para especialização temporal nessa comunidade se mostra tão evidente.

No caso da variação entre [a] e [e] no *presente do indicativo*, ela poderia ser classificada como alomorfia da vogal temática, havendo uma variação das vogais no mesmo âmbito morfológico. No entanto, o que os resultados nos mostraram em relação a esse contexto de TMA é um uso quase categórico de [a], não havendo uma variação significativa. Por outro lado, não se pode desconsiderar o uso de formas como *fala* – no lugar de *falamos* (associado a nós ou *a gente*), usos que foram constatados na fala de tal comunidade linguística, mas não foram computados, por não constituírem nosso foco de análise.

A partir disso, poder-se-ia considerar que o uso variável no contexto de *presente do indicativo* se daria entre formas como *fala* e *falamos*, em contiguidade com o uso de *a gente*. Trazemos um grupo de dados de nosso corpus que ilustra essas características da fala dos informantes componentes da amostra:

(7) Pisé, os pai da gente, eles es- naquela época, eles num- num ligavum muito pa esse negócio de estudo, né? [est] É, mais era trabaiá, né? [est] Ocê ia na escola até meio-dia e depois do almoço ia pra roça, né? Num tinha chance. Daí quando, aqui tinha até só a quarta, né? [est] Daí o ano que eu terminei a quarta ia começa [da quinta... aham] da quinta, né? Ma daí o pai num quis que nós isse, né? Queria que... isse pa lavora. Daí nós fomo, daí **parr[e]mo** de estudá, daí viemo num cotinuá mai, né? [est] Nem eu e nem meus irmão **acab[e]mo** não estudando mais. (IRA, mas, fund. I, mais jovem)

(8) E pra nós num compensa, sabe? Porque num dava nada quase, né? [est] E **pegu[e]mo** e **abandon[e]mo**. (MAL, mas, fund. I, mais velho)

(9) [quando perguntada sobre como conheceu o marido] E daí **cas[e]mo** e fizemo a festa, daí matarum dois boi pro nosso casamento. Nossa, foi uma festa! Daí **cas[e]mo**, o pai dele tinha um terreno ali pra- ali pra lá- no [nome de lugar ocultado], aí **mor[e]mo** treis ano lá [...] (RIO, fem, fund. II, mais velho)

(10) Porque hoje nós **lid[ẽ]mo** com fumo, **plant[ẽ]mo** fumo, **plant[ẽ]mo** soja. (REB, mas, fund. I, mais velho)

(11) [sobre o que costumam fazer nos finais de semana] Vamo na missa, né? Ou então **fic[ẽ]mo** em casa, fazendo as coisa [...] (IVA, fem, fund. II, mais jovem)

(12) [sobre o plantio de erva atualmente] Nós só **plant[ẽ]mo, cuid[ẽ]mo**, né? Igual, meus irmão cuidum. Depois, pa tomá chimarão, a gente compra, né? (CRU, fem, fund. II, mais jovem)

O conjunto de dados mostra o uso de {emo} para contexto de *pretérito perfeito do indicativo* – com os dados arrolados entre (7) e (9) – e de /amo/ para *presente do indicativo* – conforme visto nas ocorrências contidas entre (10) e (12). Além disso, é observado o uso de *a gente* nas ocorrências (7) e (12), mostrando que esse outro pronome de 1ª pessoa do plural (*a gente*) faz também parte da realidade linguística da comunidade linguística analisada.

Já para a 2ª conjugação, a variável independente interna TMA também está no domínio linguístico e, tal como na 1ª conjugação, foi a mais significativa no que se refere ao objeto de estudo da alternância vocálica. Nossa hipótese – tal como em 1ª conjugação – era de que o *pretérito perfeito do indicativo* seria a categoria de TMA que mais condicionaria o uso da variante não canônica [i]. Os resultados puderam atestar tal conjectura:

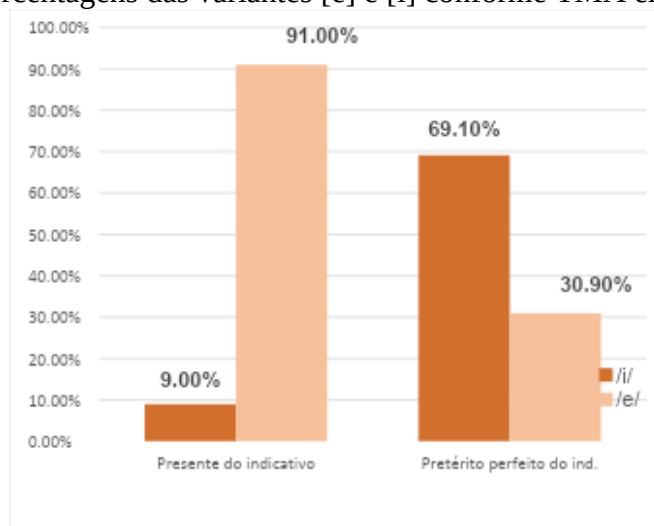
Tabela 2 – Efeito da variável TMA sobre a aplicação do fenômeno morfofonológico da alternância vocálica de /e/ para [i]

| VARIÁVEL                                                         | Categorias              | Apl./tot. | %     | PR    |
|------------------------------------------------------------------|-------------------------|-----------|-------|-------|
| TMA                                                              | Presente do indicativo  | 7 /78     | 9%    | 0.067 |
|                                                                  | Pretérito perfeito ind. | 103/149   | 69.1% | 0.799 |
|                                                                  | TOTAL                   | 110/227   | 48,5% |       |
| Input: 0.428<br>Log likelihood = -88.509<br>Significance = 0.035 |                         |           |       |       |

Fonte: própria autoria (2020)

O peso relativo de 0.799 no que se refere ao *pretérito perfeito do indicativo* explicitou o condicionamento de uso de [i] para esse contexto específico de tempo-modo-aspecto, resultado que fortalece a nossa defesa de que a forma não canônica se estabelece na língua para romper com um *sincretismo/neutralização* de formas que gera ambiguidade temporal aos falantes. Por isso, em 2ª conjugação, formas com {emo} são usadas de modo variável em *presente do indicativo* e *pretérito perfeito do indicativo*, mas formas com {imo} teriam um uso mais especializado para o *pretérito perfeito do indicativo*. Isso pode ser visualizado mais claramente no gráfico 2 a seguir:

Gráfico 2 – Porcentagens das variantes [e] e [i] conforme TMA em 2ª conjugação



Fonte: própria autoria (2020)

Acrescendo-se as informações sobre número de dados, o valor de 9% de [i] em *presente do indicativo* equivale a apenas 7 ocorrências, em contraposição a 91% de uso da variante canônica [e], equivalendo a 71 ocorrências. Porém, na outra categoria de TMA, *pretérito perfeito do indicativo*, tem-se 30,9% de uso de [e], representando 46 ocorrências, em contraste com 69,1% de [i], num valor de 103 ocorrências. O conjunto de dados a seguir mostra um pouco dessa realidade linguística das localidades investigadas:

(13) [sobre não terem tido aula naquele ano] **Perd[i]mo** otro ano daí. (RIO, mas, fund. I, mais jovem)

(14) Entrevistadora: E como é que a senhora ia então? Entrevistada: Di a pé! A pezinho... Nós levantava seis horas e tava de a pezito lá na coloi. Não fartava aula e... uma vez nós **perd[i]mo** essa vez foi... hoje em dia não... cinco minuto nós atrasemo, nós vortemo de Gonçalves Júnio pra num entrá que tinha vergonha de entrá, que nós tava atrasado cinco minuto na iscola. (IRA, fem, fund. II, mais jovem)

(15) Entrevistadora: E a senhora não sabe lê? Entrevistada: Em ucraniano? Sei. Entrevistadora: Sabe lê também? Entrevistada: Sei. Entrevistadora: Ahm...E a senhora aprendeu em casa também? Entrevistada: É... **Aprend[i]mo** na escola. Entrevistadora: Sim. Lá com as irmãs, né? Entrevistada: Lê e escrevê, não assim tão bem, que nem ainda, até esses dia nós tava conversando ali cas mulher da igreja. Pra lê assim alto, eu me apuro, eu gaguejo, sabe? Eu leio pra mim. Não pronunciando as palavras... eu leio tudo, é, um jornal eu leio, mas, se for pra mim pronuncí as palavras, daí a gente já se perde um poco. (IRA, fem, fund. I, mais velha)

(16) Antes de aprendê o português, nós sabia rezá em ucraniano. Depois, **aprend[i]mo** a rezá em português, nunca mais [hes] rezamo em ucraniano. (CRU, fem, ensino médio, mais velha)

(17) Entrevistadora: E, assim, e de comida? O que que a sua vó, a sua mãe fazia que é, assim, típico ucraniano? Entrevistada: Nós, que nós **com[i]mo**, que é o borsht, que é ucraniano, né? Entrevistadora: É uma sopa? Entrevistada: É uma sopa. (IRA, fem, fund. II, mais jovem)

(18) [sobre as tradições] Porque sempre a mema coisa. Nós se reunimo em família, fazemo a Santa Ceia e [hes] rezamo sempre, **com[e]mo** tudo e depois... (PRU, fem, ensino médio, mais jovem)

Tais valores presentes na 2ª conjugação (também em congruência com os resultados de 1ª conjugação) fortalecem a argumentação de que, em comunidades rurais brasileiras, como é o caso das localidades componentes do banco VARLINFE, existe uma tentativa de especialização temporal para desambiguar formas que, na norma padrão da língua portuguesa, apresentam uma *neutralização*. Dessa forma, essa variedade rural do *Sudeste* do Paraná (assim como, possivelmente, outras variedades rurais) tem apresentado uma espécie de rearranjo no paradigma verbal do *pretérito perfeito do indicativo*.

Outros estudos precedentes a este, contudo, já mostraram que este fenômeno não ocorre somente nessa comunidade ao sul do Paraná, mas parece ser algo espreado pelo Brasil (e até mesmo em Portugal, ao menos em dada época), embora significativamente presente em variedades rurais<sup>7</sup>. Considerando, portanto, que exista uma forte tendência de especialização temporal que impulsiona o uso das variantes não canônicas [e] e [i], respectivamente em 1ª e 2ª conjugação, pode-se inferir que haja uma oposição distintiva de significado entre formas como *falamos* ~ *falemos* e *comemos* ~ *comimos*.

Essa característica de oposição de significado é um ponto primordial na argumentação que se procura estabelecer neste artigo de que o tipo de alternância vocálica precedente a {mos} não se constitua em um alçamento vocálico prototípico, mas sim num tipo diferente de alçamento vocálico que é motivado morfofonologicamente por TMA.

### 3.1 Confrontando a alternância vocálica em análise com os critérios de *alçamento vocálico prototípico*

Em seção anterior, com base em pesquisas voltadas à temática, foram elencadas as seguintes características como base do que se tem chamado de *alçamento vocálico prototípico*:  
(i) ocorre com vogais médias-altas que alçam para altas, como /e/ que alça para [i/I] e /o/ que

---

<sup>7</sup> Para mais informações sobre este fenômeno em outras localidades do Brasil, verificar Pereira (2021). *Organon*, Porto Alegre, v. 39, n. 78, jul/dez. 2024.  
DOI: 10.22456/2238-8915.142007

alça para [u/ʊ]; **(ii)** está relacionado às sílabas pretônicas e postônicas; **(iii)** resulta em alofonia, sem oposição distintiva de significado. A partir desses três pontos explicitados, é que alicerçamos a discussão em defesa de que o fenômeno em análise não consista em um caso de *alçamento vocálico* (ao menos nos moldes tradicionais do que vem sendo estudado no Brasil).

Para se tratar do ponto **(i)**, cujo foco são as questões da alofonia e da oposição distintiva de significado, é necessário retomar alguns dados de pesquisa. A questão da oposição de significado está diretamente relacionada à variável TMA, que, nos resultados já mostrados, revelou um forte favorecimento de uso da variante [e] em 1ª conjugação para *pretérito perfeito do indicativo*, com PR de 0.922. Essa mesma tendência, porém, com menor peso relativo, de 0.799, confirmou-se na 2ª conjugação, em relação à aplicação da regra variável, com condicionamento de uso da forma não canônica [i]. Observemos mais alguns dados em que isso se confirma:

(19) Foi um ano que foi mais difícil, né? Pra nós pagá, **sufr[i]mo** mais, mais paguemo. (REB, fem, fund. I, mais jovem)

(20) Entrevistadora: E, assim, e de comida? O que que a sua vó, a sua mãe fazia que é, assim, típico ucraniano? Entrevistada: Nós, que nós **com[i]mo**, que é o borscht, que é ucraniano, né? Entrevistadora: É uma sopa? Entrevistada: É uma sopa. (IRA, fem, fund. II, mais jovem)

(21) [sobre ter casado com um “brasileiro”] Que que ium fazê? A gente se gostô e, graças a Deus, **viv[i]mo** muito bem. (IVA, fem, fund. II, mais velha)

(22) Nós **co[i]mo** trinta saco de feijão. (CRU, mas, fund. I, mais jovem)

(23) Nós se **conhec[i]mo** aí memo, sabe? Eu vim passíá pra cá e deu certo nós se acha com ela. (IRA, mas, fund. II, mais jovem)

(24) [sobre a compra do terreno] Daí nós **vend[i]mo** lá e compr[e]mo aqui, inclusive do nosso sogro. (CRU, fem, fund. I, mais jovem)

(25) [sobre os colchões e travesseiros de pena que usavam] Ainda usa. Nós já **perd[i]mo** o costume. (RIO, fem, ensino médio, mais jovem)

(26) Às vez tem missa em poloneis também, mais só que daí, agora nós já [hes] entend[e]mo nada, sabe? Nós fal[ẽ]mo em polaco, só que intendê as missa em brasileiro, nós não **entend[i]mo**. Não sei como é que é. (CRU, fem, fund. I, mais jovem)

Então, embora o uso não seja categórico, há uma tendência considerável para oposição de significado, o que apresenta uma característica contrária aos casos prototípicos de alçamento

vocálico detalhados no Brasil, em que as vogais alçam sem provocar mudança de significado, mas se constituem apenas em casos de alofonia. Destarte, a diferença de acento, associada à relevância do TMA não parece ser fortuita, uma vez que a oposição de significado impulsionada por fatores gramaticais é um fator relevante para gerar um fenômeno fonológico de alteamento e neutralização mesmo em sílaba tônica (uma sílaba que é mais resistente a mudanças).

Ainda em relação à 2ª conjugação, tínhamos outros questionamentos. Quando /e/, por exemplo, é produzido como [ɛ], por motivação de contato linguístico com línguas eslavas (cf. Pereira, 2021), já não se pode falar mais em *alçamento*, mas sim em *abaixamento* vocálico. Já quando /e/ é produzido como [i], trata-se de uma subida de uma *média-alta* que é realizada como *alta*. Esse caso, dentre todas as possibilidades apresentadas, é o que mais parece se aproximar do conceito tradicional de *alçamento vocálico*.

No entanto, dentre os 1.838 dados pertencentes ao nosso corpus, apenas 19 deles apresentaram variação fonética por influência do contato linguístico, utilizando-se de formas verbais com vogal não canônica aberta [ɛ] e [a]. Dentre eles, somente um dado era de 2ª conjugação, motivo pelo qual a ‘produção fonética da vogal’ não foi considerada em nenhuma rodada estatística da 2ª conjugação.

Já no que se refere à 1ª conjugação, por apresentar 18 ocorrências, foi feita uma rodada estatística contemplando a produção fonética, mas foi retirada na rodada subsequente, mantendo-se, igualmente, os dados no corpus. Isso foi feito porque essa variável linguística não se mostrou significativa quantitativamente, mas trazemos à vista alguns exemplos<sup>8</sup> dessas realizações de vogal média-baixa em contexto de 1ª conjugação em nosso corpus:

(27) Então os amigo, ele perguntava dos amigo se nós tava na igreja, se nós **particip[ɛ]mo**, se nós tava, como nós se **comport[ɛ]mo**. (RIO, fem, fund. I, mais velha, polonesa, grau III, *pretérito perfeito do indicativo*, Informante 3)

(28) Entrevistada: Nós **cas[ɛ]mo**. sem... Entrevistadora: Sem conhecê. Entrevistada: Sem conhecê e sem gostá um do otro. (RIO, fem, fund. I, mais velha, polonesa, grau III, *pretérito perfeito do indicativo*, Informante 3)

Também precisamos esclarecer que, dentre os 168 sujeitos componentes da amostra, os dados com [ɛ] e [a] foram produzidos por somente dez informantes, todos com ‘grau de bilinguagem’ maior, os quais utilizavam essas variantes em outros contextos também, como

---

<sup>8</sup> Todos os demais dados podem ser encontrados na íntegra em Pereira (2021), em seção que foi destinada especialmente a esse tópico.

em pronomes, adjetivos, advérbios e outras categorias de palavra. Tal uso em várias palavras, de maneira variável, demonstrou a influência do contato linguístico nessa localidade. Resumidamente, esses dados oriundos da influência pelas línguas eslavas, quanto à produção fonética de [ɛ] na 1ª conjugação, ocorreram apenas em contexto de *pretérito perfeito*, revelando sua variação com o segmento fonético [e], dentro do espectro da vogal não canônica.

Já no caso de verbos da 1ª conjugação, torna-se ainda mais forçoso tentar classificar a alternância vocálica de /a/ para [e] como alçamento vocálico prototípico, considerando-se, por exemplo, a descrição de Cristófar-Silva (2015, p. 49) como um “fenômeno fonológico que envolve a elevação da propriedade de altura da língua das vogais médias-altas [e] e [o] que se realizarão como as vogais altas [i, ɪ] e [u, ʊ]”.

Os dados analisados pelo viés fonético, portanto, acabaram evidenciando, mais uma vez, a tendência variável de [a] (1ª conjugação) e [e] (2ª conjugação) em presente e de [e] (1ª conjugação) e [i] (2ª conjugação) em passado, o que revela uma motivação de TAM para o uso da vogal não padrão. Assim, propomos que seria possível assumir formas fonológicas diferentes da do PB padrão para {emo} e {imo}, em que a vogal fonológica passa a ser de fato /e/ e /i/ nessa variedade, o que caracterizaria esse fenômeno como uma variação fonológica e não apenas fonética.

Para mais, tal alternância vocálica não estaria somente no âmbito fonético-fonológico mas sim no morfofonológico, pois outro indício de que não se trataria de um alçamento vocálico é que os informantes do VARLINFE não costumam fazê-lo nas postônicas e pretônicas, sendo essa uma característica fonética da mesorregião Sudeste do Paraná. Um exemplo disso é a pesquisa de Loregian-Penkal e Costa (2014), que descreve a (não) elevação da vogal /e/ em postônicas na fala de descendentes de poloneses de Mallet-PR. Segundo Loregian-Penkal e Costa (2014), assim como Menon (2015), trata-se de uma característica própria do sul do Paraná não alçar as vogais médias com tanta frequência como em outras localidades:

Trabalhos variacionistas também ratificam a não elevação como diferencial do estado do Paraná: em Bisol (2003) a capital paranaense é apresentada com um comportamento divergente em relação às outras capitais do sul do Brasil; enquanto a elevação é apresentada como categórica em Porto Alegre, em Curitiba ela é apresentada como escassa. Em Vieira (2002, p.153), apresenta-se um quadro comparativo com as cidades dos três estados do sul em que a elevação foi analisada e o Paraná é o estado com os menores índices de realização do fenômeno. A autora analisou as cidades paranaenses de Curitiba, Pato Branco, Londrina e Irati. Esta última foi o lugar em que ocorreu o menor índice de elevação das vogais átonas finais com um percentual de 21% de aplicação da regra. Irati é uma cidade de colonização eslava, assim como Mallet, cuja amostra é analisada nesta pesquisa, e integra o *corpus* do VARLINFE. A etnia é apontada como uma variável favorecedora à realização do

fenômeno da elevação (Machry da Silva, 2009; Mileski, 2013). (Loregian-Penkal e Costa, 2014, p. 244).

Desse modo, a descrição geral dos resultados das autoras corroborou os estudos já feitos em relação ao tema no Paraná, revelando que:

[...] a elevação da vogal média-alta anterior /e/, em posição postônica final, na fala de moradores da zona rural e descendentes de imigrantes poloneses de Mallet, é pouco recorrente nos dados analisados, estando em um patamar de, apenas, 20%. Os condicionamentos linguísticos e sociais que se mostraram relevantes ao fenômeno estudado apontam que o fenômeno é *i*) variável; *ii*) sistemático, *iii*) que há relação entre as variáveis linguísticas e as sociais e *iv*) que é uma variação não estigmatizada na comunidade pesquisada. Constatou-se, assim, que o fenômeno de elevação ou mais especificamente a sua não ocorrência como em “Antigament[e] tirava leit[e] da vaca” e “A gent[e] é diferent[e]!” é uma das características do falar eslavo da região analisada, característica essa que se constitui em uma marca identitária do falar local. (Loregian-Penkal e Costa, 2014, p. 259).

Portanto, se esses informantes costumam não fazer alçamento em contextos prototípicos (contexto postônico e também pretônico), por que o fariam em um contexto não esperado (na tônica)? Acreditamos que isso ocorre porque seria uma alternância vocálica movida por uma tentativa de categorização temporal.

Nesse sentido, as pesquisas que têm se dedicado à descrição do (não) alçamento vocálico na localidade, como as de Loregian-Penkal e Costa (2014; 2016), Costa e Loregian-Penkal (2016), Loregian-Penkal, Costa e Franceschini (2019), reforçam esses resultados. Se os sujeitos de uma língua não produzem alçamento vocálico em contextos pretônicos e postônicos, em que este fenômeno costuma ocorrer, acontecer alçamento justamente na tônica revela que se trate de um fenômeno de outra natureza. Um desses estudos que têm se dedicado à questão do alçamento vocálico na comunidade linguística em questão trata especificamente do município Mallet e chega à seguinte conclusão:

A elevação da vogal média-alta anterior /e/, em posição postônica final, na fala de moradores da zona rural e descendentes de imigrantes poloneses de Mallet, é pouco recorrente nos dados analisados, estando em um patamar de, apenas, 20%. Os condicionamentos linguísticos e sociais que se mostraram relevantes ao fenômeno estudado apontam que o fenômeno é *i*) variável; *ii*) sistemático, *iii*) que há relação entre as variáveis linguísticas e as sociais e *iv*) que é uma variação não estigmatizada na comunidade pesquisada. (Loregian-Penkal, Costa, 2014).

Os demais estudos das pesquisadoras do banco apresentam resultados similares, em que, comprovadamente, o alçamento vocálico – diferentemente de muitos outros lugares no Brasil – não é algo comum nas localidades componentes do banco VARLINFE. Também neste estudo, na oitiva das entrevistas, pôde-se verificar variados exemplos da existência desse não alçamento

vocálico das postônicas e pretônicas, mas os resultados embasados e medidos cientificamente pelas autoras nos trazem uma comprovação mais segura das particularidades de uso do não alçamento vocálico dessas comunidades.

A partir dessa constatação, é possível responder o questionamento: se sujeitos de uma dada comunidade de fala não produzem alçamento vocálico em contextos pretônicos e postônicos, em que este fenômeno costuma ocorrer, por que aconteceria alçamento justamente na tônica? Defendemos que o fazem como uma forma de desambiguar um contexto de neutralização verbal, havendo, portanto, uma motivação para essa alternância vocálica.

Finalizando-se a discussão, a proposta deste estudo é que a alternância vocálica precedente a {mos} não seja classificada como um alçamento vocálico prototípico justamente por não se encaixar em nenhum dos três critérios tradicionalmente estabelecidos na literatura sobre o tema, além de, curiosamente, no sentido contrário do que costuma acontecer no Brasil, ocorre numa comunidade linguística em que o alçamento vocálico prototípico tem baixíssimas taxas de realização. Esse resultado, então, endossa ainda mais a caracterização do fenômeno linguístico como um alçamento vocálico não prototípico motivado morfofonologicamente.

A fim de tornar mais didático ao leitor a argumentação aqui aventada, explicitamos, a seguir, os critérios que definem a alternância vocálica precedente a {mos} como um fenômeno que se distingue do alçamento tradicional:

**(i)** Faz-se com uma vogal média-alta que alça para alta, como /e/ que alça para [i] (como “descrevemos”, que é realizado como “descrev[i]mo”, mas também com uma vogal média-alta que alça para média-alta: /a/ que alça para [e] (exemplo: “analisamos” que se realiza como “analis[e]mo”;

**(ii)** está ocorrendo na sílaba tônica – como mostram os dados de (7) a (28) de nossa pesquisa);

**(iii)** resulta, majoritariamente, em oposição distintiva de significado conforme tempo-modo-aspecto (*presente do indicativo* e *pretérito perfeito do indicativo*) – ver exemplos de (12) a (17) deste artigo; e

**(iv)** ocorre em comunidades rurais que apresentam baixas taxas de alçamento vocálico prototípico em postônicas, mas com altas taxas de alçamento vocálico não prototípico na tônica.

Então, com base em todos os argumentos levantados, defendemos que o que os sujeitos dessa comunidade de descendência eslava no Sudeste do Paraná fazem quando produzem

formas verbais como *falemo* e *aprendimo* não se configura como um *alçamento vocálico prototípico*, mas sim uma alternância vocálica com motivação morfofonológica.

#### **4 Considerações finais**

Em aporte a todas as considerações já elencadas, argumentamos, neste artigo, que, para tratar o objeto da alternância vocálica precedente a {mos} como um caso de alçamento prototípico, seria necessário repensar a definição tradicional e histórica de alçamento vocálico em PB, ou considerar que se trata de um fenômeno linguístico inédito que necessita de uma descrição particular, como a que propomos aqui: a de *alçamento vocálico não prototípico (em tônica) com motivação morfofonológica*.

Foi possível dar cabo, portanto, ao objetivo geral da pesquisa que consistiu em analisar e descrever o fenômeno da alternância vocálica precedente a {mo(s)} a partir dos dados e resultados obtidos em pesquisa variacionista numa comunidade linguística do sudeste do Paraná. Arrazoamos que exista uma motivação de TMA para que haja um alçamento de /a/ e /e/ na sílaba tônica de verbos de 1ª e 2ª conjugação na 1ª pessoa do plural, que resultou em um processo morfofonológico, e não apenas fonético. Assim, as formas fonológicas dessa variedade podem ser interpretadas como /e/ em /emo/ e /i/ em /imo/, o que consistiria em variação fonológica entre a variedade em questão e o PB padrão.

Objetivamos, ao fim, que esta pesquisa seja relevante ao trazer discussões e dados referentes a um *alçamento vocálico* não prototípico, que deveria ser alvo de estudos morfofonológicos com mais frequência no Brasil. Assumimos, por outro lado, que as descrições aqui feitas ainda não são suficientes, de modo que caberia aos foneticistas e fonólogos construir uma descrição mais acurada, bem como uma discussão teórica mais aprofundada deste fenômeno linguístico tão singular a comunidades rurais brasileiras.

#### **REFERÊNCIAS**

BAKOVIĆ, E. Vowel harmony and stem identity. *San Diego Linguistic Papers*, n. 1, p. 1–42, 2003.

BARAJAS, J. Vowel raising and social networks in Michoacán: A sociophonetic analysis. In: SESSAREGO, S.; TEJEDO-HERRERO, F. (EDS.). *Spanish language and sociolinguistic analysis*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2018.

BATTISTI, E.; PEROZZO, R. V.; CUNHA, V. G. Alçamento sem motivação aparente em uma variedade de português brasileiro: efeitos de coarticulação de sequências CV e dispersão vocálica. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 12-35, jan-abr/2020.

CLEMENTS, G. N.; RIALLAND, A. Africa as a phonological area. In: HEINE, B.; NURSE, D. (EDS.). *A Linguistic Geography of Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.  
BISOL, L. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemos na escola e agora?* Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. A concordância verbal em português: um estudo de sua significação social. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia (org.). *Anthony Julius Maro e a Linguística no Brasil: uma abordagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 362-380.

CÂMARA JUNIOR, J. M. *Dicionário de Filologia e Gramática referente à língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1968.

CÂMARA JUNIOR, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2010 [1970a].

CÂMARA JUNIOR, J. M. *Problemas de linguística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1970b.

CÂMARA JUNIOR, J. M. *Dispersos*. 5. ed. Seleção e Introdução por Carlos Eduardo Falcão Uchôa. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Serv. de Publicações, 1972.

CÂMARA JUNIOR, J. M. *História da Linguística*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

CÂMARA JUNIOR, J. M. *Princípios de Linguística Geral: como introdução aos estudos superiores de língua portuguesa*. 5. ed., rev. e aum. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1980 [1976].

CÂMARA JUNIOR, J. M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão Livraria e Editora, 1977.

CÂMARA JUNIOR, J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão Livraria e Editora, 1979.

COSTA, Luciane Trennephol da; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. A coleta de dados do banco VARLINFE – variação linguística de fala eslava: peculiaridades e características. *Revista Conexão*. UEPG, Ponta Grossa, Paraná, vol.11, n.1, jan./abr., 2015.

FOEGER, Camila Candeias; YACOVENCO, Lilian Coutinho; SCHERRE, Maria Marta Pereira. A primeira pessoa do plural em Santa Leopoldina/ES: correlação entre alternância e concordância. *Letrônica*. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 5-17, janeiro-junho, 2017.

GOWLETT, D. Zone S. In: NURSE, D.; PHILIPPSO, G. (EDS.). *The Bantu Languages*. New York: Routledge, 2003.

HYMAN, L. M. Basaá (A43). In: NURSE, D.; PHILIPPSO, G. (EDS.). *The Bantu Languages*. New York: Routledge, 2003.

KLUNCK, P. *Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

LIONNET, F.; HYMAN, L. M. Current issues in African phonology. In: GÜLDEMANN, T. (ED.). *The languages and linguistics of Africa*. Berlim: De Gruyter Mouton, 2018.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. *Language in the Inner City: The Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 255-92, 1972.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi; COSTA, Luciane Trennephol da. Variação e identidade linguística em Mallet, Paraná. In: GÄRTNER, Marileia; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. *Diálogos interculturais: Extensão e Pesquisa em contextos de imigração*. São Paulo: Todas as musas, 2016, p. 69-94.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi; KRAUSE-LEMKE, Cibele; COSTA, Luciane Trenepohl da; JACUMASSO, Tadinei. Banco de dados de fala eslava: discussões metodológicas. In: CAMPIGOTTO, José Adilçom; CHICOSKI, Regina. *Brasil-Ucrânia: linguagem, cultura e identidade*. (Org.). 1.ed.Jundiaí (SP): Paco Editorial, 2013, p. 25-45.

MADDIESON, I. The sounds of the Bantu languages. In: NURSE, D.; PHILIPPSO, G. (EDS.). *The Bantu Languages*. New York: Routledge, 2003.

ODDEN, D. *Introducing Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

PEREIRA, Ivelã. Cuidamo(s) e cuidemo(s): a variação morfêmica na p4 em verbos regulares de 1ª conjugação. *Revista Working Papers*, v. 2, n. 14, p. 49-71, Florianópolis, ago/dez. 2014.

PEREIRA, Ivelã; LEHMKUHL-COELHO, Izete; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. Variação na concordância Verbal de nós no presente e pretérito perfeito em Verbos regulares de 1ª e 2ª conjugação: produtiva no sudeste paranaense? *Signótica*. Goiânia, v. 28, n. 2, p. 481-508, jul./dez. 2016.

PEREIRA, I. “*O pirogue, nós aprendimo da mãe*” e “*agora nós mudemo o borscht*”: variação morfofonológica em comunidades rurais eslavo-brasileiras no sudeste do Paraná. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2021.

SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO C. **Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

SCHWINDT, L. C. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L.; SCHWINDT, L. C. Paradigmatic correspondences in the Brazilian Portuguese Verbal Vowel System. *Acta Linguistica Hungarica*, v. 54, p. 35-50, 2007. SCHWINDT, L. C.; WETZELS, W. L. The morphology and phonology of inflection. In: WETZELS, W. L.; COSTA, J.; MENUZZI, S. *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2016.

BRESCANCINI, C. (Org.). *Fonologia e Variação: recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 161-182.

VIEGAS, M. do C. *O alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística*. 1987. 222f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ZILLES, A. M. S. Grammaticalization of ‘a gente’ in Brazilian Portuguese. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, v. 8, n. 3, p. 297-310, 2002.

ZILLES, A. M. S.. The development of a new pronoun: the linguistic and social embedding of a gente in Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change*, v. 17, n. 1, p. 19-53, 2005.

ZILLES, A. M. S.. *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

ZILLES, A. M. S.; MAYA, L.; SILVA, K. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS. *Organon*, Porto Alegre, v.14, n.28/29, p.195-219, 2000.

Artigo submetido em: 18 ago. 2024

Aceito para publicação em: 15 dez. 2024

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.142007>